Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz

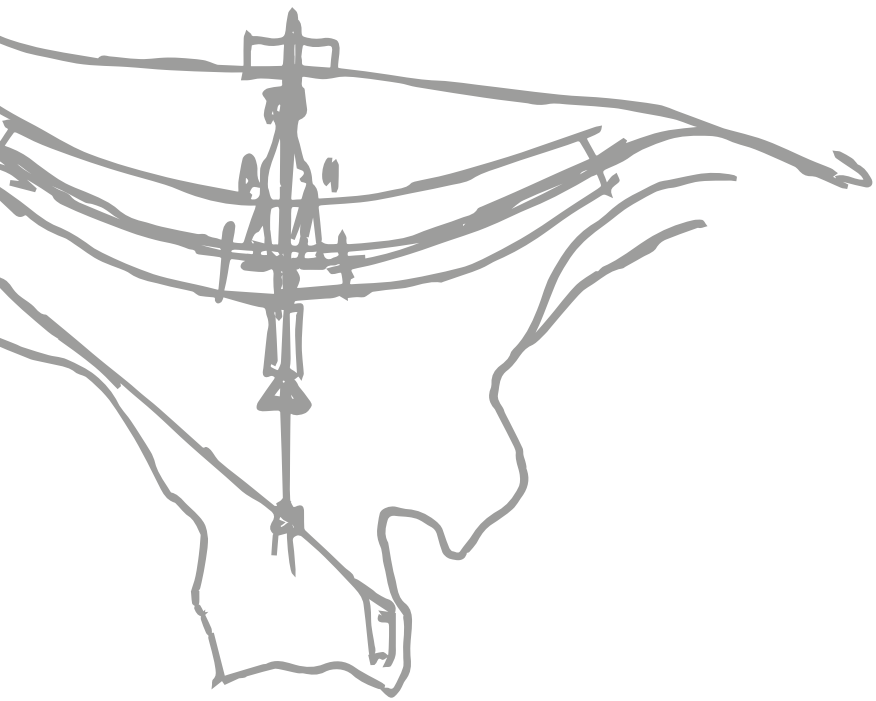
EDITORA
UnB

Diretora Marina Dourado Lustosa Cunha

Conselho editorial
Andrey Rosenthal Schlee
Biagio D'Angelo
Carina Luísa Ochi Flexor
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Josivânia Silva Farias
Maria Carmem Aires Gomes
Maria do Socorro Neri de Sousa
Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
Marina Dourado Lustosa Cunha
Nilce Santos de Melo
Rosineide Magalhães de Sousa

Organizadoras
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

Rupturas e desafios da educação no DISTRITO FEDERAL (1964 - 1985)



EDITORA
UnB

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial Jade Luísa Martins Barbalho

Revisão Jeane Pedrozo

Diagramação Wladimir de Andrade Oliveira

Padrão visual/Capa Mauro Liz (2011)

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília-DF
CEP: 70910-900
(61) 3107-3700
www.editora.unb.br
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização expressa da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

R947 Rupturas e desafios da educação no Distrito Federal (1964 – 1985) [recurso eletrônico] / organizadoras, Eva Waisros Pereira, Laura Maria Coutinho, Maria Paula Vasconcelos Taunay. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
552 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-243-9.

1. Educação – Brasília (DF) – História. 2. Ditadura. I. Pereira, Eva Waisros (org.). II. Coutinho, Laura Maria (org.). III. Taunay, Maria Paula Vasconcelos (org.).

CDU 37(817.4)(09)

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO.....14

Parte I
OUTROS ARES SOPRAM

Capítulo 1
Contexto sociopolítico em 1964: a capital ocupada.....21
Claudia Paiva Carvalho
Cristiano Paixão

Capítulo 2
A educação tecnicista no golpe militar de 1964.....46
Raquel de Almeida Moraes

Capítulo 3
Financiamento da educação no Distrito Federal: o período autoritário.....62
Jorge Abrahão de Castro

Capítulo 4
Estudo comparado da educação escolar em instituições públicas e privadas do Distrito Federal (1964-1984) 79
José Luiz Villar Mella

Parte II
PENSADORES DA EDUCAÇÃO APARTADOS

Capítulo 5
Anísio Teixeira: pensamento silenciado, ação interrompida 95
Eva Waisros Pereira

Capítulo 6

Paulo Reglus Neves Freire, Brasília, 1964 130

Laura Maria Coutinho

Capítulo 7

Darcy Ribeiro: trajetória, exílio e pós-exílio.....156

Haydée Ribeiro Coelho

Parte III

EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E REPRESSÃO

Capítulo 8

O elefante branco: uma escola com o nome de resistência.....175

Eliane Brito

Capítulo 9

Organização de docentes do Distrito Federal: a repressão no período da ditadura militar 194

Antonio Carlos Andrade de Souza

Erlando da Silva Rêses

Capítulo 10

Centro Integrado de Ensino Médio, Ciem: uma escola inovadora no período da ditadura militar 221

Ariane Abrunhosa

Denise Farage

Mariana Penna

Capítulo 11

Tecnologias da educação na nova capital: desenganos e êxitos 254

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Raquel de Almeida Moraes

Parte IV
O OCASO DE UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA

Capítulo 12
O golpe militar de 1964 e suas consequências sobre o plano educacional de Anísio Teixeira.....278
Leila Chalub Martins

Capítulo 13
O papel da tipologia das escolas classe na definição do lugar escola no Plano Piloto de Brasília.....303
Samira Bueno Chahin

Capítulo 14
Educação de jovens e adultos trabalhadores: concepções e práticas em disputa.....315
Leila Maria de Jesus Oliveira
Maria Margarida Machado

Capítulo 15
Educação negada: a luta dos moradores da Vila Paranoá pelo direito de estudar.....354
Leila Maria de Jesus Oliveira
Ricardo Gonçalves Pacheco

Parte V
MUDANÇAS NO CURRÍCULO ESCOLAR E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Capítulo 16
Fios e tramas da memória: a cultura cívico-patriótica na escola pública do Distrito Federal (1964-1985).....376
Antonio Fávero Sobrinho
Valéria Nely Cézar de Carvalho

Capítulo 17

Estudo de um caderno de teoria e prática de ensino na matemática da Escola Normal da Ceilândia.....403

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho

Edilene Simões Costa dos Santos

Carmyra Oliveira Batista

Mônica Menezes de Souza Batista

Capítulo 18

Imagens da cidade e da escola: sobre a atualidade da proposta da escola parque para a capital.....423

Maria Andreza Costa Barbosa

Maria Lídia Bueno Fernandes

Parte VI

BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 19

Wladimir Murtinho e sua atuação na educação e na cultura do Distrito Federal 452

Maria Paula Vasconcelos Taunay

Capítulo 20

Projeto integrado de educação ambiental de Ceilândia: uma experiência inovadora em terreno minado.....482

Vera Margarida Lessa Catalão

Josefina Reis de Moraes

Capítulo 21

Entre livros e artes, uma escolinha de criatividade e uma biblioteca infantil na 104/304 Sul.....501

Luciana de Maya Ricardo

Alice Fátima Martins

Capítulo 22
Um olhar literário sobre Brasília: textos inaugurais e escrituras da resistência 521
Maria Alexandra Militão Rodrigues

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....541
Eva Waisros Pereira
Laura Maria Coutinho
Maria Paula Vasconcelos Taunay

SOBRE OS AUTORES 545

Parte VI
BRECHAS, ESPAÇOS ALTERNATIVOS E RESISTÊNCIA

Capítulo 22

Um olhar literário sobre Brasília: textos inaugurais e escrituras da resistência

Maria Alexandra Militão Rodrigues

A criação de Brasília, com seus espaços abertos, curvas elegantes e linhas geométricas arrojadas, provocou o interesse de arquitetos e urbanistas, mas também despertou, naqueles envolvidos com outros processos de criação, curiosidade e desejo de aproximação. A nova capital gerou particular interesse em consagrados escritores brasileiros e estrangeiros, atraindo-os, em seus primórdios, a visitas de curta duração, das quais resultaram originais textos em vários gêneros literários.

À Brasília da inauguração, apreciada e celebrada pelo mundo, opõe-se uma Brasília que, traindo a utopia, ensombra o país: aquela inaugurada pelo golpe militar de 1964. Vozes de resistência se ergueram de imediato, também entre notáveis poetas e escritores, muitos deles condenados ao exílio. É a palavra fortemente engajada na luta pela democracia e pelos direitos humanos. É importante, também, reconhecer a geração brasiliense que, no auge de sua juventude, enfrentou o regime no próprio cenário físico do poder, por meio de sua expressão artística corajosa e obstinada.

Este texto tem como finalidade revisitar olhares literários dirigidos a Brasília nesses dois momentos históricos distintos, refletindo acerca do contraste entre a escrita produzida nos anos inaugurais da cidade e a literatura dos anos que se seguiram ao golpe militar.

Olhares literários inaugurais

[...] tive Brasília entre os dedos, era um rabisco e pulsava.
Carlos Drummond de Andrade

As primeiras impressões literárias acerca de Brasília saíram da pena de viajantes de fino olhar e aguçada sensibilidade. Olhares de espanto, de esperança, de identificação da beleza, faraônica ou discreta, da inédita cidade que os candangos construíam. Os processos de contemplação da inovadora paisagem urbana deram origem a interessantes textos literários.

Olhares de fora: André Malraux e Sophia de Mello

O consagrado escritor André Malraux (1901-1976), notável intelectual francês, visitou Brasília no ano anterior à sua inauguração, na condição de ministro dos Assuntos Culturais da França. No discurso proferido na cidade, em 25 de agosto de 1959, durante o lançamento da pedra fundamental da Casa de Cultura da França, atribuiu-lhe o memorável título de "capital da esperança", que haveria de ficar cunhado até os tempos atuais, evidenciando o valor simbólico da nova urbe (Almino, 2007).

Ao saudar Brasília em seu discurso, Malraux afirmou: "Salve, capital intrépida, que recordas estarem teus monumentos ao serviço do espírito!" (Freitas, 2019). Faz-se necessário contextualizar esse vislumbre de compreensão da missão heroica, humanista e espiritual da cidade: "O discurso de Malraux diante de Juscelino trazia as marcas do pós-guerra e o peso

da Guerra Fria" (Freitas, 2019). Era necessário reinaugurar valores como esperança, coragem e a confiança no espírito humano. Daí se compreende que o escritor tenha reconhecido, em seu discurso, o caráter audacioso da nova capital como marco de uma nova civilização e berço de um importante centro cultural. Podemos considerar que essa visão de Brasília, inscrevendo-se na ótica de restauração de valores humanistas no pós-guerra, possivelmente terá contribuído para a construção da aura de utopia que envolveu a cidade à época da inauguração e mesmo posteriormente.

Sophia de Mello Breyner Andresen, 1919-2004, reconhecida poetisa e contista portuguesa, laureada pela sua obra com o prêmio Camões, também visitou a cidade em seus primórdios. As marcas de suas impressões sobre a nova capital são reveladas em texto inédito (Andresen, 2012), no qual destaca a "beleza contida e discreta" de uma cidade geralmente apreciada por sua monumentalidade. A poetisa viajou de carro entre Rio e Brasília, surpreendida pelo espanto com a terra, ainda sozinha com ela mesma.

No poema "Brasília", publicado em 1962, Sophia adjetiva a cidade de "lógica, lírica, grega, brasileira, ecumênica, despojada e lunar, nítida, esguia, ordenada e clara". Podemos reconhecer, nessa adjetivação, elementos de uma apreciação histórica, filosófica, estética. Sophia assim finaliza o poema:

> [...]
> No extremo da caminhada dos Candangos
> No extremo da nostalgia dos Candangos
> Atena ergueu sua cidade de cimento e vidro
> Atena ergueu sua cidade ordenada e clara como um pensamento
> E há nos arranha-céus uma finura delicada de coqueiro.
> (Andresen, 1962)

Observemos que a dimensão social, assim como a dimensão mítica, não escapa à sensibilidade da poetisa, ao destacar o protagonismo dos candangos na construção de uma cidade que, paradoxalmente, parecia ter sido erguida por uma deusa grega.

Os olhares de tão distintos visitantes do exterior revelam admiração e esperança diante de uma cidade que assume características inéditas em termos estéticos, humanos, sociais, culturais e espirituais.

Clarice Lispector: a "beleza assustadora" de Brasília

Clarice Lispector (1920-1977), uma das mais notáveis expressões da literatura brasileira, assume uma perspectiva inusitada sobre a realidade, com penetrante olhar dirigido às coisas à sua volta e profundos mergulhos introspectivos. Após 15 anos no exterior, desenvolvendo atividades literárias como jornalista, tradutora e escritora, retornou ao Brasil em 1959. A escritora, sempre com olhares inéditos e perspectivas desconcertantes, surpreende com seus escritos sobre Brasília. Suas três passagens pela cidade, nas décadas de 1960 e 1970, originaram crônicas nas quais projeta suas impressões, ao tentar decifrar a misteriosa identidade da nova capital.

Na crônica intitulada "Nos primeiros começos de Brasília" (Lispector, 1970), texto que podemos ler como belíssimas pinceladas impressionistas, Clarice revela sensações de estranhamento, êxtase e medo que a acometeram em sua visita à cidade, o que, como ela própria confessa, permeia a impressão de ser atraída pelo que a assustava em si mesma. Serão seus próprios labirintos internos que ela revisita ao afirmar que "Em Brasília, não há por onde entrar, nem há por onde sair"?

O texto configura-se, a meu ver, como profundo diálogo entre as linhas inusitadas da cidade e a arquitetura interna da escritora, percorrendo seus espaços subjetivos, em contida emoção: "Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar". Mas essa crônica não deixa de ser uma afetuosa declaração à nova capital, diante da percepção de seus espaços amplos e silenciosos, que a escritora sintetiza em uma construção frasal de estonteante beleza: "Este grande silêncio visual que eu amo" (Lispector, 1970).

A ilustre visitante confessa seu espanto diante de uma cidade construída "com espaço calculado para as nuvens". Clarice reconhece o projeto subjetivo de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer em seu traçado arquitetônico de Brasília: "Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado". Clarice confessa sua perplexidade diante da imensidão e da estética de Brasília, de sua quase imaterialidade: "Essa beleza assustadora, esta cidade traçada no ar. [...] Por mais perto que se esteja, tudo aqui é visto de longe. Não encontrei um modo de tocar." Revela, ainda, seu temor diante de uma cidade que parece eterna e assexuada, onde espaço e tempo se confundem, onde a alma "não faz sombra no chão". A escritora se percebe na cidade como no fundo de um sonho ou numa prisão a céu aberto, da qual não se pode escapar: "Prenderam-me na liberdade. Mas a liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre." É possível que as sensações paradoxais expressas por Clarice decorram não apenas de sua experiência subjetiva na cidade, mas constituam, também, uma alusão à luta pela liberdade em tempos de censura e perseguição política (Lispector, 1970).

Os três olhares literários apresentados, advindos de consagrados escritores de diferentes países, podem ser percebidos como percepções de seus autores, perplexos diante de uma realidade urbana inédita. Assim, podemos compreender diversos ecos internos reconstruídos na palavra — uma forma que também cintila e ecoa nos espaços do imaginário. E apreciar as escrituras, em prosa e verso, de quem reconhece, na atmosfera da cidade, suas próprias trepidações internas; assim como percebe, no espaço natural, humano, monumental e político da nova capital, reflexos, contradições e metamorfoses da sociedade. A Brasília inaugural provoca estranhamento, espanto, perplexidade, admiração, esperança!

A traição da utopia: escrituras da resistência

Brasília é o fracasso
mais bem planejado
de todos os tempos [...].
(Nicolas Behr)

À "capital da esperança" vislumbrada por Malraux opôs-se, a partir de 1964, uma cidade umbigo de um regime que instaurou o medo, as perseguições, a prisão, a tortura. Na literatura, assim como no cotidiano brasileiro, a censura da voz, a palavra exilada. Emergiu, então, uma literatura militante, combativa, mas que se tornou também arauto da esperança.

Foram tantos os heróis das Letras que seria impossível enumerá-los. Destacamos, neste texto, Thiago de Mello e Ferreira Gullar, consagrados poetas, ambos perseguidos e exilados, responsáveis por extraordinárias escrituras de resistência. Optamos por privilegiar seus ecos literários neste texto por serem dois nomes reconhecidos no cenário nacional, que se ergueram contra a Brasília da ditadura por meio da poesia, no que ela tem de mais belo e combativo.

Todavia não podemos olvidar o movimento da primeira geração de jovens brasilienses (nascidos na capital ou oriundos de outros estados) que inventaram formas de resistir, usando a arte como arma de expressão e provocação, no próprio cenário físico da capital. Dessa geração destacamos o jovem Nicolas Behr, com sua poética irreverente, engajada, imensamente criativa.

"Os Estatutos do Homem", de Thiago de Mello

Peregrino do assombro e da indignação, mas também do amor e do lirismo, o poeta amazonense Thiago de Mello, nascido no Amazonas em 1926, é autor de mais de vinte livros em prosa e verso. Desenvolveu uma obra comprometida com a vida, em uma longa existência de defesa dos

direitos humanos, tendo se tornado representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Após o golpe militar, viveu um longo exílio no Chile, na Argentina, em Portugal, na França e na Alemanha, sempre se manifestando contra o descaso dos que se assumem senhores da existência, como claramente expressa no poema "Na Manhã do Milênio":

> [...]
> A marca suja da miséria humana
> Gravada em cinza pela indiferença
> Dos que pretendem ser donos da vida
> (Mello, 2002, p. 19)

Em abril de 1964, exilado em Santiago do Chile, escreveu "Os Estatutos do Homem", poema com extraordinária força expressiva, uma contundente ode à liberdade! Uma declaração político-poética desenvolvida em 13 artigos, mais um "artigo final", consagrando os direitos humanos com extraordinária veemência e sensibilidade.

Publicado inicialmente em 1965 no livro *Faz escuro, mas eu canto*, e dedicado a Carlos Heitor Cony, o poema "Os Estatutos do Homem" foi tornando-se uma obra independente. Note-se o alcance político de seu subtítulo: "Ato Institucional Permanente" (Mello, 1978, p. 19). Ele desafia a legitimidade do Ato Institucional n.º 1, AI-1, promulgado pela junta militar em abril de 1964. Um recado explícito ao poder estabelecido — um decreto também, ou um contra decreto —, sinalizando que "Os Estatutos do Homem" constituem a legislação que realmente permanecerá para sempre.

Este emblemático poema sinaliza um contrapoder que se ergue para expulsar o medo, a mentira e a injustiça, instaurando o reinado permanente da liberdade, da fraternidade e da justiça. Uma legislação — trata-se de "artigos", como na lei, mas em linguagem poética — que se contrapõe à versão governamental. Embora seja difícil destacar um artigo dos demais, salientamos a beleza e profundidade dos Artigos I, VII, IX e particularmente do Artigo final:

Artigo I
Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

[...]

Artigo VII
Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

[...]

Artigo IX
Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal do seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

[...]

ARTIGO FINAL
Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.
(Mello, 1978, p. 19-22)

Traduzidos em espanhol por Pablo Neruda, "Os Estatutos do Homem" percorreram o mundo em mais de trinta línguas. Declamados em aberturas de conferências, inclusive na ONU, foram-no também na abertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte, em 1987, acompanhados pela

Orquestra Sinfônica de Brasília. "Os Estatutos do Homem" são uma obra que se insurge contra a Brasília de onde emana a opressão, reiterando a esperança para o Brasil e para a humanidade.

"Poema Sujo", de Ferreira Gullar

Ferreira Gullar (1930-2016), consagrado escritor maranhense que se destacou no plano poético e ensaístico, mas também como crítico das artes plásticas e da cultura brasileira, foi autor de obras polêmicas repletas de conceitos afiados. Gullar ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e foi alvo de importantes prêmios literários pela sua obra, como o Prêmio Camões. A resistência à ditadura militar rendeu-lhe o exílio entre 1971 e 1977, durante o qual escreveu o consagrado "Poema Sujo", publicado em 1976, com sucessivas reedições (Gullar, 2013).

Em uma extensa entrevista publicada em um volume temático a ele dedicado nos Cadernos de Literatura Brasileira, afirma Gullar: "O poema, quando vem, de qualquer um de seus abismos, desconhece tudo, não reconhece pai nem mãe – não respeita nada" (Instituto Moreira Salles, 1998, p. 31). A força desmedida da poesia, habitada por uma voz coletiva que ressoa no mundo, é expressa de maneira formidável ao final do poema inédito "Não-coisa":

> Toda coisa tem seu peso:
> Uma noite em seu centro.
> O poema é uma coisa
> que não tem nada dentro,
>
> a não ser o ressoar
> de uma imprecisa voz
> que não quer se apagar
> - essa voz somos nós.
>
> (Instituto Moreira Salles, 1998, p. 77-78)

É essa voz que não quer se apagar que mobiliza Gullar para a escrita do "Poema Sujo", que nasceu no exílio em Buenos Aires, quando a ditadura se instalou na Argentina, em um momento em que seus amigos estavam desaparecidos, haviam fugido ou tinham sido presos, e que seu passaporte fora cancelado pelo Itamaraty. Ao perceber que o cerco se fechava à sua volta, declarou na entrevista:

> Escrevi esse poema como um poema-limite [...]. Quando escrevi o poema sentia como se estivesse rodeado de outras vozes, dos poetas, dos amigos, da vida, dos ventos, do Brasil – não era um poema individualista. (Instituto Moreira Salles, 1988, p.44)
>
> Decidi, então, escrever um poema que fosse meu testemunho final, antes que me calassem para sempre. (Gullar, 2013, p. 9)

O "Poema sujo" é um longo e denso poema de 69 páginas, que tem sido alvo de inúmeros comentários e análises. Apresentamos o trecho inicial, que cumpre a função subversiva que coube à poesia nesses tempos "sujos" denunciados por Gullar.

POEMA SUJO

turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos
que furo
escuro
mais que escuro:
claro
como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa
alguma
e tudo

> (ou quase)
> um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas
> [...]
> (Gullar, 2013, p. 31)

Diríamos que o poema emite uma voz densa, um grito de rebelião, uma denúncia da escuridão que ensombrava o país. A predominância inicial de palavras com o som u - turvo/muro/escuro/duro/furo/tudo parece sugerir um uivo de protesto, uma vaia a um regime que usurpava a liberdade. A repetição das palavras "turvo" e "escuro" reitera, a nosso ver, uma denúncia da realidade nebulosa e sombria então vivida. À dureza do "muro" que aprisiona, impedindo a liberdade, opõe-se a leveza da "pluma", a fluidez da "água", algo "claro, claro", vocábulos que traduzem a antítese do clima de uma ditadura.

Segundo o próprio Gullar (2013), esse poema foi inicialmente lido por ele em 1975, a pedido de Vinicius de Moraes, na Casa Augusto Boal, em Buenos Aires, em sessão de leitura para amigos também exilados. E, no dia seguinte, gravado em fita, levada para o Rio por Vinicius, que reuniu amigos para escutá-la.

> Nas circunstâncias, ouvi-lo dito por mim, poeta exilado, era certamente emocionante e isso fez com que as cópias do poema se multiplicassem e outros grupos se formassem para escutá-lo. [...] De fato, poucos meses depois, o Poema sujo estava nas livrarias, suscitando a iniciativa de escritores, jornalistas e amigos para obter do governo militar a garantia de que eu pudesse voltar ao Brasil sem represálias. (Gullar, 2013, p. 13)

O livro foi publicado nesse ano no Brasil pela editora José Olympio. Mas o poeta só voltaria ao Brasil em 1976, quando foi, de imediato, preso pelo DOPS para interrogatório, durante 72 horas, e a seguir liberado. Ao narrar, no início do livro, a história do poema, Gullar reconhece que deve a esse poema a volta do exílio. E o Brasil a ele deve, de acordo com o

escritor e poeta que redigiu a orelha da 15ª edição, "uma poética de exílio e rebelião, de esperança e enfrentamento" (Gullar, 2013).

A original e irreverente poética de Nicolas Behr: Brasília ou Braxília?

Traídos sonhos e a utopia por um regime que persegue, censura, pune e tortura, Brasília reage, na década de 1970, pela voz de uma juventude pulsante, com manifestações vigorosas culturais. A música explode na cidade, com grupos de *rock*, como Escola de Escândalo e Aborto Elétrico. No Galpãozinho, situado na 309 Norte, pulsava a vida cultural da cidade:

> Junto com o Galpão, Escola Parque e o Centro de Criatividade, atual espaço Renato Russo, era o centro cultural da cidade. Era o que o CCBB é hoje. Peças de teatro, happenings, filmes, shows, debates, oficinas [...]. (Behr, 2014, p. 68)

Um movimento inusitado toma conta da cidade, gestado por "uma geração brasiliense que ousou descer dos blocos e assumir Brasília, na passagem dos anos 70 para os anos 80. [...] uma moçada alegre, rebelde, criativa e roqueira" (Behr, 2010, contracapa). Nesse coletivo que espontaneamente emerge revela-se o jovem Nicolas Behr, que, entre seus 17 e 19 anos, publica livrinhos mimeografados, com poemas sintéticos, nos quais joga criativamente com a palavra, de forma provocativa e humorada. Os livrinhos (não paginados) contêm mensagens viscerais que desafiam o regime repressor.

Em "Iogurte com Farinha", publicado em 1977, cuja capa anuncia urgência na sua leitura — "LEIA ANTES QUE AZEDE" — Nicolas Behr faz um "AVISO AOS NAVEGANTES":

[...] Tudo está bastante confuso, fragmentado; mas assim
tem sido os dias que vivemos...
brasília, capital
da desesperança,
natal de 77”

(Behr, 2018a).

Esse e os outros quatro livrinhos escritos entre 1977 e 1979 foram recentemente publicados em edição fac-símile, provocando a memória da cidade a melhor compreender essa época. A inquietude, irreverência e originalidade do jovem poeta manifesta-se vigorosamente, convocando o leitor ao entendimento de sua intencionalidade poética, ao explicitar, em “Chá com Porrada”:

estes são poemas minuto
que foram escritos para
serem lidos em segundos
e pensados por horas

(Behr, 2018b).

O que poderia o jovem brasiliense da “geração mimeógrafo” (Behr, 2019, p. 45) ter feito de tão perigoso com seus livretos vendidos de mão em mão pela cidade, para causar a ira da polícia política (DOPS), que o prendeu aos 19 anos, sob a acusação de pornografia? Com atrevimento próprio da juventude e espantosa lucidez, Nicolas Behr provoca o poder estabelecido com requintada ironia, em “Caroço com goiaba”:

Se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que direitos, direitos,
humanos à parte
[...]

Se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao rei
que o povo fica
[...]

Se é para o bem de todos
e felicidade geral da nação
diga ao povo
que mande o rei à Pátria
que o pariu
[...]

(Behr, 2018 c).

Em plena ditadura, recados breves e contundentes sobre direitos humanos e o poder que emana do povo talvez tenham sido dados poucas vezes com tamanha competência. Ao longo dos anos que se seguiram, o poeta continuaria denunciando brilhantemente a realidade política sediada na capital:

Os 3 poderes
são um só:
o deles
(Behr, 2002, p. 55).

Nicolas Behr viria a tornar-se um ícone da capital, provocando, satirizando, desnaturalizando a cidade. "Para ele, Brasília era uma sedutora e opressora esfinge de concreto que deveria ser decifrada" (Marcelo, 2019). Contrapondo-se aos que glorificavam Brasília, em sua vasta obra, ele denuncia o "plano pilatos" (Behr, 2002, p. 47) e ironiza o mito do herói fundador da capital:

jk construiu brasília
os candangos ficaram olhando
(Behr, 2010, p.49).

Que saídas haveria, para Brasília e para o Brasil, durante o período da ditadura militar? Indignado com relação ao exílio — a saída forçada dos dissidentes, em decorrência do Estado de exceção vivido —, o jovem poeta com refinada perspicácia joga com a palavra "saída" (no sentido duplo de exílio e de solução), desde a ironia do primeiro verso (que parece sugerir uma parábola de Cristo), à contundente indagação final:

> na verdade vos digo
> que as saídas são poucas
> e as armadilhas muitas
>
> quanto mais falam em saídas
> mais eu vejo armadilhas
>
> pensando bem
> a única saída
> é continuar vivendo
> mas agora mudando de assunto
> me diga:
> - sair é saída?
>
> (Behr, 2018 a).

Em sua poética, Nicolas Behr cria uma outra cidade, Braxília, desconstruindo a utopia apresentada ao mundo: "Braxília com X é uma cidade imaginária, não capital, não poder, não brasília. A utopia dentro da utopia." (Behr, 2010, p. 9).

Seria Braxília o luto da utopia sangrando a veia do poeta? Ou a esperançosa reinvenção da cidade utópica?

Pichação: uma linguagem gráfica urbana que incomoda o regime

Em uma cidade pouco congestionada visualmente, cresce um novo elemento urbano, um tipo de comunicação visual, com "comunicados" rápidos, sintéticos e contundentes de uma juventude denominada por alguns

de "geração do *spray*" (Behr, 2009, p. 96)."Pichação, uma febre na cidade" é o título de um artigo publicado pelo autor no Correio Brasiliense em dezembro de 1979, que tem como subtítulo "Os muros de Brasília estão cheios de frases, que vão da política à irreverência" (Behr, 2009, p. 96).

Esse e outros artigos do jornal Correio Braziliense, assim como fotos de pichações dos anos 1970 e 1980, foram compiladas por Nicolas Behr no livro *Beije-me* (2009), que contém um precioso acervo de imagens da juventude brasiliense dos anos de 1970 e 1980. São, segundo Quevêdo (Behr, 2009), tiradas filosóficas, expressões picantes, poemas, mas também vozes de crítica e denúncia. "*Go home, yankees*", "povo unido contra a ditadura", "Terrorista é a ditadura que mata e tortura!" constituem exemplos da expressão indignada da juventude brasiliense. Não são apenas os conteúdos das pichações que incomodam, mas o que elas representam nos espaços e edifícios públicos, em sua realidade palaciana e monumental:

> Os espaços [...] são restritos e em Brasília a maioria deles atinge a Segurança Nacional, já que não temos ruas, muros ou edifícios de construção linear. Temos palácios, monumentos, viadutos. (Behr, 2009, p. 94)

Plasmam-se nas paredes de Brasília questionamentos da semente lançada por Malraux em 1959. Conforme uma das fotos do livro (Behr, 2009, p.74), esperança passa a ser um substantivo duvidoso, impresso com *spray* nos muros da cidade: "Capital da Esperança, cadê você?"

Ensaiando vozes literárias para Brasília

> antes de ser matéria compacta
> esse concreto que você toca
> foi sonho
>
> toque com cuidado
> (Behr, 2010, p. 36).

Esta breve incursão literária sobre a capital, sem outra pretensão que a de tomar o pulso de uma literatura gestada sobre a cidade e pela própria cidade, entre o final da década de 1950 e de 1970, revela-nos duas visões distintas — e até mesmo opostas — sobre Brasília: a que se configura às vésperas da inauguração da nova capital, entre o final da década de 1950 e 1963; e a que se inicia com o golpe de 1964 e o regime militar instaurado por longos e sombrios anos de ditadura.

A visão literária dos primórdios de Brasília, oferecida por três ilustres escritores de diferentes nacionalidades, em suas breves incursões pela cidade, caracteriza-se como uma percepção fortemente centrada no plano visual e na ressonância interna provocada em seus visitantes pela experiência física, sensorial e subjetiva advinda do contato direto com a nova urbe: o espanto com as linhas arquitetônicas arrojadas, com a "beleza assustadora" da cidade, o "silêncio visual" percebido na contemplação dos espaços amplos por Clarice Lispector; a perplexidade diante da monumentalidade de uma capital que parece ter sido erguida, paradoxalmente, pelo suor dos candangos e por uma deusa grega, na visão de Sophia de Mello. A percepção lírica da capital mescla-se a uma visão utópica, revelada por André Malraux, ao considerar a construção da "capital da esperança" como marco de uma nova civilização.

A estes testemunhos literários da Brasília inaugural contrapõem-se textos escritos a partir de 1964, não mais centrados no contato físico e visual com a cidade ou nas impressões subjetivas decorrentes, mas nas decisões políticas que emanam da cidade a partir do regime instaurado e da violação do Estado democrático. As vozes literárias que escolhemos para representar esse movimento — que se caracteriza essencialmente como protesto e resistência — são vozes que, perseguidas e exiladas, se erguem contra um regime que as priva, a elas e ao país, da liberdade, entre outros direitos fundamentais. São, portanto, ao contrário das anteriores, vozes sem presença física na cidade, vozes de uma ausência forçada, que clamam por escuta no

centro do poder. Não mais se encantam ou espantam com a nova capital, mas denunciam o hálito de violência que a capital exala para todo o país.

As vozes poéticas de Ferreira Gullar e Thiago de Mello erguem-se na noite escura, mobilizando a palavra exilada. Denunciam uma Brasília dura e turva, e, em contraposição ao AI 1, decretam os estatutos do homem, estes sim, permanentes, porque legítimos. É uma poesia combativa, representando uma voz coletiva de resistência que ecoa no Brasil e no mundo.

A poética do jovem Nicolas Behr destaca-se como voz genuinamente candanga, capaz de criar um sotaque literário original e de representar o movimento de uma juventude brasiliense, que, espontânea e corajosamente, se insurge contra a ditadura. Na década de 1970, Behr haveria de criticar duramente o regime em breves e profundos poemas publicados em livrinhos que ressuscitaram a artesania da escrita e seu valor panfletário, correndo de letra em letra, de mão em mão. E posteriormente, em uma vasta obra que ocuparia sua vida, ensaiando profundas e criativas leituras poéticas de Brasília, desde declarações apaixonadas a vigorosas denúncias de suas contradições.

A essas vozes se juntam muitas outras escrituras com uma carga abissal de denúncia de um regime opressor, marcando um tempo de resistência e esperança. É a literatura assumindo o papel de arte que se ergue para reinaugurar a democracia, somando-se a outras manifestações da sociedade brasileira que lutam por um novo tempo. Uma poesia engajada, como escreveu Ferreira Gullar: "A minha poesia tem talo, está ligada ao chão" (Instituto Moreira Salles, 1998, p. 54).

Não se pode sufocar a palavra nem ela pode se fazer omissa. Contrapondo-se à glória e à utopia, ao deslumbramento em face ao momento inaugural da nova capital do Brasil, faz-se necessário que a palavra assuma um papel lúcido, crítico e compromissado em relação a Brasília. Nesse contexto, que papel caberia à literatura? Certamente ela pode contribuir significativamente para reinaugurar o sonho e a esperança, assim como ressuscitar uma posição ativa, crítica,

combativa, aliada a uma atitude confiante. A exemplo do que Thiago de Mello (Mello, 1978, p. 35) sintetizou nesses versos, gestados em tempos sombrios:

> [...]
> Faz escuro mas eu canto
> Porque a manhã vai chegar.

Referências

ALMINO, João. O mito de Brasília e a literatura. *In. Estudos Avançados*. v. 21, n. 59, São Paulo, jan./apr. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000100024. Acesso em: 13 jul. 2020.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Brasília. *Geografia*, 1962. Disponível em: https://www.escritas.org/pt/t/50653/brasilia. Acesso em: em 12 ago. 2020.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Sophia inédita.* Ler, Livros & Leitores, n. 119, dez. 2012.

BEHR, Nicolas. *Beije-me* [fotografias]. Brasília: Edição do autor, 2009.

BEHR, Nicolas. *Brasilíada*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2010.

BEHR, Nicolas. *BrasíliA-Z (cidade-palavra).* Brasília: Edição do autor, 2014.

BEHR, Nicolas. *Caroço de Goiaba*. Brasília: SEMIM Edições, 2018c.

BEHR, Nicolas. *Chá com Porrada.* Brasília: SEMIM Edições, 2018b.

BEHR, Nicolas. *Iogurte com Farinha.* Brasília: SEMIM Edições, 2018a.

BEHR, Nicolas. *O menino do mato que engoliu Brasília* (org.). Maria Teresa Carrión Carracedo. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.

BEHR, Nicolas. *Poesília*: poesia pau-brasília. Brasília: Edição do autor, 2002.

FREITAS, Conceição. *André Malraux caiu do céu para nos mostrar onde está a esperança*. 2019. Disponível em: https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/andre-malraux-caiu-do-ceu-para-nos-mostrar-onde-esta-a-esperanca. Acesso em: 12 de ago. 2020.

GULLAR, Ferreira. *Poema sujo.* 15ª edição. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2013.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. A Trégua. Entrevista com Ferreira Gullar. *In: Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 6, set. 1998, p. 31-55.

LISPECTOR, Clarice. *Nos primeiros começos de Brasília.* Portal da Crônica Brasileira. *In.* A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1970. Disponível em: https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5890/nos-primeiros-comecos-de-brasilia. Acesso em: 15 jul. 2020.

MARCELO, Carlos. Ímpeto de Foguete. *In.* BEHR, Nicolas (org.). Maria Teresa Carrión Carracedo. *O menino do mato que engoliu Brasília.* Cuiabá: Entrelinhas, 2019.

MELLO, Thiago de. *Faz escuro mas eu canto.* 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1978.

MELLO, Thiago de. *Poemas preferidos pelo autor e seus leitores.* Edição comemorativa dos 75 anos do autor. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Sobre os autores

Alice Fátima Martins

Doutora em Sociologia, professora titular na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
E-mail: profalice2fm@gmail.com

Antonio Carlos Andrade de Souza

Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: toninho2018pos@gmail.com

Antonio Fávero Sobrinho

Mestre em História pela Universidade de Brasília, Professor Assistente na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Ariane Abrunhosa

Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal.
E-mail: abrunhosa.ariane@gmail.com

Claudia Paiva Carvalho

Doutora em Direito pela Universidade de Brasília, professora de Direito do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP).
E-mail: claudiapaivac@gmail.com

Cristiano Paixão
Doutor em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor adjunto da Faculdade de Direito da UnB.
E-mail: cristiano.aslh@gmail.com

Carmyra Oliveira Batista
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carmyra.batista@gmail.com

Denise Farage
Especialista em Políticas Públicas pela Universidade de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: denisefarage@gmail.com

Edilene Simões Costa dos Santos
Doutora em Educação, em Ciência e Matemática pela Universidade de Brasília, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: edilenesc@gmail.com

Eliane Brito
Doutoranda em História pela Universidade de Brasília, professora do Centro Universitário Planalto do DF (Uniplan), da Faculdade Projeção e professora substituta do Instituto Federal de Brasília.
E-mail: eliane.cbo@gmail.com

Erlando Reses
Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UnB.
E-mail: erlandoreses@gmail.com

Eva Waisros Pereira
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Aberta de Portugal; professora emérita e pesquisadora associada plena do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília.
E-mail: evawaisros@gmail.com

Haydée Ribeiro Coelho
Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, professora associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: haydeeribeiro@hotmail.com

Josefina Reis de Moraes
Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Católica de Brasília, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: josefinarmoraes@gmail.com

José Luiz Villar Mella
Doutor em História Social e das Ideias pela Universidade de Brasília, professor associado I da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Jorge Abrahão de Castro
Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pesquisador associado da Universidade de Brasília e professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).
E-mail: jorge.abrahao57@gmail.com

Laura Maria Coutinho
Doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: lauracou@gmail.com

Leila Chalub Martins
Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas, professora do ensino básico público de Brasília de 1968 a 1992, professora associada aposentada da Universidade de Brasília.
E-mail: leilachalub3@gmail.com

Leila Maria de Jesus Oliveira
Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: leiladejesus@gmail.com

Luciana de Maya Ricardo
Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: luciana.maya@gmail.com

Maria Andreza Costa Barbosa
Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: andrezaferreiro@gmail.com

Mariana Gonçalves Penna
Graduada em História pela Universidade de Brasília e estagiária do Museu da Educação do Distrito Federal.
E-mail: marigpenna@gmail.com

Maria Alexandra Militão Rodrigues
Doutora em Psicologia, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.
E-mail: alexandrarodrigues57@hotmail.com

Maria Lídia Bueno Fernandes
Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, professora associada 3 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS).
E-mail: lidia_f@uol.com.br

Maria Margarida Machado
Doutora em Educação, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: mmm2404@gmail.com

Maria Paula Vasconcelos Taunay
Doutora em Educação e Tecnologia pela Universidade de Brasília, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: mariapaulataunay@gmail.com

Mônica Menezes de Souza Batista
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: profmonicams@yahoo.com.br

Raquel de Almeida Moraes
Doutora em Educação, professora Associada 4 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Líder do Grupo Lattes do CNPq: GT História, Sociedade e Educação no Brasil no DF, HISTEDBR-DF - HISTEDBR.
E-mail: raquelmoraesbr@gmail.com

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Doutora em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo, professora do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF) e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
E-mail: rosalia.carvalho@udf.edu.br

Ricardo Gonçalves Pacheco
Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília, professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: prof.ricardopacheco@gmail.com

Samira Bueno Chahin
Doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário Facens, membro do Comitê Editorial do projeto Arquitetura e Escrita e do GT Territórios Educativos do Instituto de Arquitetos do Brasil, São Paulo.
E-mail: samira_chahin@yahoo.com.br

Valéria Nely Cézar de Carvalho
Doutora em História pela École Pratique des Hautes Estudes de Paris, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
E-mail: carvalho.nely@gmail.com

Vera Margarida Lessa Catalão
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.
Email: veramcatalao@gmail.com

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro.

Esta obra é mais uma etapa da história da educação no Distrito Federal. Seu recorte histórico abrange o período da ditadura militar no Brasil, com foco nos acontecimentos na área da educação e suas repercussões na rede de ensino local. Os desafios vividos naquele período de autoritarismo constituem experiências antagônicas ao ideário democrático fundante do sistema de ensino público inovador da capital brasileira. A construção do conhecimento histórico a esse respeito é essencial para que se compreenda a relação intrínseca entre educação e sociedade, bem como as estratégias de organização social adotadas para o enfrentamento à opressão política e ideológica que marcou toda uma geração de brasilienses.

Alice Fátima Martins | Antônio Carlos Andrade de Souza
Antônio Fávero Sobrinho | Ariane Abrunhosa
Claudia Paiva Carvalho | Cristiano Paixão | Carmyra Oliveira Batista
Denise Lucinda Farage | Edilene Simões Costa dos Santos | Eliane Brito
Erlando Reses | Eva Waisros Pereira | Haydée Ribeiro Coelho
Josefina Reis de Moraes | José Luiz Villar | Jorge Abrahão de Castro
Laura Maria Coutinho | Leila Chalub Martins | Leila Maria de Jesus Oliveira
Luciana de Maya Ricardo | Maria Andreza Costa Barbosa
Mariana Gonçalves Penna | Maria Alexandra Militão Rodrigues
Maria Lídia Bueno Fernandes | Maria Margarida Machado
Maria Paula Vasconcelos Taunay | Mônica Menezes de Souza
Raquel de Almeida Moraes | Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho
Ricardo Gonçalves Pacheco | Samira Bueno Chahin
Valéria Nely Cézar de Carvalho | Vera Margarida Lessa Catalão